

Assista agora...

Neste módulo, acompanhamos a repercussão da televisão na rotina da família Ferreira bem como a divergência de opiniões sobre sua influência na vida das pessoas. Hoje, veremos como será o dia da família Ferreira sem televisão. No ar, *Cenas da Vida Familiar dos Ferreira*.

Cenatexto

Depois de oito horas de trabalho, Patrícia sentiu-se aliviada ao chegar em seu apartamento. Todos os dias, ela é a primeira a chegar e a ligar o televisor em busca de divertimento, descanso e informação. Hoje, indo em direção à sala, encontrou o seguinte bilhete:

*Patrícia,
Não sei o que aconteceu. Parece que houve um curto-circuito na casa e os dois aparelhos de TV pifaram. Já chamei os técnicos, mas eles só poderão vir amanhã de manhã. Ainda bem que não pifou mais nada.*

Um beijo, Ferreira.

Ao contrário do que era de se esperar, a ausência da TV não a incomodou. Foi até bom. A rotina de todos os dias estava rompida. Patrícia até tinha a sensação de estar em outro lugar, pois aquele silêncio não combinava com sua casa.

No horário do telejornal, ela nem notou a ausência da voz do apresentador, informando-a do que acontecia na cidade. Ficou imaginando qual seria a seqüência da história da novela. Lembrou-se de que, logo depois, haveria a exibição de um filme muito violento. Sugestionada pelos comentários de uma colega, havia decidido que proibiria seu filho de assistir àquele filme. Nem seria preciso.

Muitas vezes tentava proibir, mas cedia sempre, e o filho acabava dormindo assustado. “Por que não deixam esses filmes violentos pra mais tarde?” Pensando nisso, decidiu que colocaria em prática um plano antigo: escrever uma carta à emissora de TV que sempre exibia filmes violentos em horário impróprio.

Ia começar a escrever a carta quando Ferreira e o filho chegaram.

Durante o lanche, todos estavam mais falantes do que o habitual. Sem poder assistir à TV, Ferreira resolveu manter a informação em dia, lendo o jornal de cabo a rabo.

O filho queria acompanhar a final do campeonato. Seu time estava jogando e não era fácil passar sem ouvir nada. Assim, decidiu acompanhar a partida pelo rádio, lendo um gibi, estirado na cama.

Com o marido e o filho ocupados, Patrícia ficou zanzando pela casa, ao som da música vinda do aparelho de som da sala. Folheou partes do jornal do marido, bisbilhotou o rádio do filho, rabiscou algumas frases no papel em que iniciara a carta...

Sem querer, prestou atenção à notícia transmitida pelo rádio. O que despertou sua curiosidade foi a coincidência: o rádio noticiava o mesmo fato que ela tinha acabado de ler no jornal. Mas isso era previsível, pois se tratava de uma notícia daquele dia, pensou ela.

Assim que o locutor mudou de assunto, ela voltou à notícia impressa para analisar se era de fato a mesma. Já não sentia falta dos programas da televisão naquela noite. Estava envolvida em palavras e idéias. Como a carta para a emissora de TV não saía, deixou o assunto de lado e começou a indagar por que o rádio transmitiu a notícia de uma forma e o jornal de outra.

Instigada por essa idéia, Patrícia leu mais uma vez a notícia:

EDUCAÇÃO

Favela do Rio ganha escola de informática

Os moradores da favela Dona Marta (zona sul do Rio) ganharam ontem uma escola de informática que tem por objetivo dar formação técnica aos moradores.

A idéia partiu do comitê da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, coordenado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, 59.

A iniciativa faz parte da segunda fase da campanha, que visa gerar empregos para a população.

Dez moradores estão sendo treinados para serem instrutores. O curso vai durar dois meses e custará R\$10,00 por mês. Metade do valor será repassado para os instrutores.

O projeto é patrocinado pela Igreja Católica, pelo Instituto C&A, pela rede de dados Jovem Link/BBS e pela Eco (organização não governamental).

O coordenador da escola, Rodrigo Baggio, 26, disse que o projeto deverá ser estendido a mais oito favelas.

(Sílvia Noronha)

Folha de S. Paulo, 19/4/1995

Uma coisa chamou a atenção de Patrícia: a notícia estava na seção de Educação, trazendo uma informação bastante detalhada. Tinha até a idade das pessoas de que falava. Essa precisão era importante, pensava ela. Também notou que não havia comentários, tratava-se apenas da transmissão de um fato.

Sentiu curiosidade em compará-la com a notícia ouvida no rádio. Reconstruindo o que tinha ouvido, Patrícia resolveu passar para o papel o texto do rádio, para fazer melhor a comparação. O texto de Patrícia ficou mais ou menos assim:

Alô, ouvintes!

Novidade no Rio de Janeiro.

A favela Dona Marta tem, a partir de hoje, uma escola de informática. Essa escola tem por objetivo oferecer formação técnica a seus alunos. O curso terá duração de dois meses, com mensalidade de dez reais.

Dez moradores já estão sendo treinados para serem instrutores. Metade do valor das mensalidades será repassada para eles. Que beleza de projeto!

Ouçã agora, direto do Rio de Janeiro, o que tem a dizer o coordenador da escola, Rodrigo Baggio: “A idéia de criar essa escola foi do Comitê da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, coordenado pelo Betinho. A segunda parte da campanha vai gerar empregos para a população. A proposta desse projeto está sendo tão bem aceita pelos moradores que deverá ser estendida para mais oito favelas”.

É disso mesmo que o Brasil precisa!

Patrícia percebeu que, na notícia de rádio, havia menos detalhes, mas muita emoção. A notícia tinha até um depoimento do próprio coordenador da escola.

Depois dessas duas formas de transmitir a mesma informação, Patrícia se pôs a pensar: como seria noticiado esse fato na televisão?

- Genial! Agora é comigo! - disse ela em voz alta, falando sozinha.

- O que foi isso agora? É a falta da TV? - indagou, espantado, Ferreira.

Havia pelo menos três possibilidades. Na primeira, a notícia seria breve, lida normalmente, sem imagens. Na segunda, haveria imagens da escola e dos organizadores, enquanto o locutor ia dando a informação. Na terceira, um repórter seria deslocado para a própria favela e faria uma série de tomadas locais, com opiniões dos moradores e entrevistas.

A primeira sugestão deveria ser simples. Na TV, uma notícia menos importante é lida sem imagem de acompanhamento e tem pouca duração. Ficaria assim:

Aberta, hoje, na favela carioca Dona Marta, uma escola de informática por iniciativa do Comitê da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, coordenado pelo sociólogo Betinho. Com duração de dois meses, os cursos formarão técnicos em computação. A iniciativa deve ser ampliada para mais oito favelas nos próximos meses.

Essa notícia, quando lida no ritmo da TV, não chega a 20 segundos. Mas, já seria muito tempo. A segunda sugestão previa algumas imagens e um texto um pouco mais informativo, tendo de 30 a 45 segundos de duração. As informações que estão entre parênteses são para orientar os técnicos e os jornalistas.

(Entrada da notícia com uma manchete lida pelo locutor.)

Locutor: Aberta, hoje, a primeira escola de informática numa favela carioca.

Imagens da favela: Tomadas gerais do local em que funcionará a escola de informática.

(Enquanto isso, ouve-se a voz do locutor.)

Locutor: Inaugurada, hoje, na favela Dona Marta, no Rio, uma escola de informática. Mais uma iniciativa do Comitê da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, coordenado pelo sociólogo Herbert de Souza. Os cursos, com duração de dois meses, terão mensalidades a baixo preço, destinadas também ao pagamento dos professores. A iniciativa deverá ser estendida a mais oito favelas nos próximos meses.

Oferecendo mais detalhes e algumas imagens, essa sugestão tornou a notícia mais atraente.

No entanto, a terceira alternativa daria ainda mais importância à notícia. Isso exigia mais detalhes e mais imagens. Patrícia, então, imaginou esta nova versão:

(Entrada da notícia com uma manchete lida pelo locutor.)

Locutor: A informática entra na favela.

(Cenas do jornalista falando e andando pela favela com tomadas rápidas do local em que foi aberta a escola. Voz do locutor.)

Locutor: Inaugurada, hoje, na favela Dona Marta, aqui no Rio, uma escola de informática. Mais uma iniciativa do Comitê da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida, coordenado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. O projeto é patrocinado por várias entidades particulares e faz parte da segunda etapa da campanha, a de geração de empregos para a população carente.

(Imagens de alunos da escola diante de um computador, enquanto o locutor continua falando.)

Locutor: Os cursos, com duração de dois meses, terão mensalidades a baixo preço, destinadas também ao pagamento dos professores. A iniciativa deverá ser estendida a mais oito favelas nos próximos meses.

(Entra o diretor da escola falando. A pergunta não aparece, mas a resposta é dada para a câmera que focaliza o entrevistado. No vídeo, aparece escrito:

Rodrigo Baggio - coordenador da escola.)

Baggio: A idéia dessa escola é gerar empregos dentro da própria favela, pra facilitar a vida dos moradores.

(Corte da imagem e saída.)

Tomando mais de um minuto, essa versão era muito extensa para o conteúdo.

Envolvendo-se com as diferentes formas de dar uma notícia, pelos diferentes meios de comunicação, Patrícia nem sentiu o tempo passar. O mais importante foi a descoberta de que, sem a televisão, todos fizeram algo novo, quebraram a rotina e tiveram experiências muito interessantes. Com mais um pouco, Patrícia já estaria instituindo o Dia da TV Pifada, como medida de renovação de idéias na família.



Entendimento

1. Quais foram as principais mudanças na rotina da família Ferreira com a televisão quebrada? Como você avalia o fato?
2. Patrícia pensou em escrever uma carta a uma emissora de TV. Qual era o conteúdo dessa carta?
3. De acordo com os comentários feitos por Patrícia, quais são as principais diferenças entre a mesma notícia dada pelo jornal e pelo rádio?
4. Por que Patrícia imaginou três possibilidades diferentes para a apresentação de uma mesma notícia na televisão?
5. Relacione a idéia da criação do Dia da TV Pifada com a história da Cenatexto.

Nos últimos módulos, tivemos contato com alguns aspectos dos três grandes meios de comunicação de massa contemporâneos: o **jornal** (Aulas 57, 58, 59), o **rádio** (Aulas 60, 61, 62) e a **televisão** (Aulas 63, 64, 65). Assim, vimos que cada um deles tem vantagens e desvantagens. São diferentes, mas muito úteis como fontes de informação, lazer e instrução na vida diária.

Todos os meios de comunicação usam a língua como principal instrumento de trabalho. Porém, nem todos a utilizam do mesmo modo. Na aula de hoje, tivemos uma idéia aproximada das diferenças entre os três meios de comunicação no uso da língua.

Para aplicar os conhecimentos adquiridos nessas aulas, você vai redigir uma mesma notícia para três meios de comunicação, considerando:

- no **jornal impresso**, há possibilidade de dar mais detalhes e informações mais precisas, indicando fontes, fornecendo dados, números, nomes etc.;
- no **rádio**, a notícia tem que ser dinâmica, para atingir o ouvinte com clareza e simplicidade, pois ela é transmitida de viva voz, sem que se veja o locutor;
- na **televisão**, tudo é mais rápido e depende da importância que se quer dar à notícia. Assim, muita coisa pode ser passada ao telespectador por meio de imagens.

Portanto, não é só a informação que pode ser considerada ao se redigir uma notícia. Deve-se prestar atenção ao meio de comunicação, aos destinatários, aos objetivos, ao tipo de notícia etc. É o principal fator de influência para a escolha do tipo de linguagem.

Trabalhando em conjunto com seus colegas, redija três pequenos textos. Lembre-se das notícias que você recebe dos meios de comunicação, levando em conta as considerações acima.

Dê um título para cada texto e crie nome de pessoas, lugares etc. Você também pode selecionar apenas o essencial para dar sua informação, sem se aprofundar nos detalhes do fato ocorrido. Para facilitar seu trabalho, dividiremos em tópicos o conteúdo da notícia:

- Etelvino, 28 anos, é vendedor de uma loja num *shopping* (grande centro comercial) de São Paulo.
- Um dia, não agüentando mais sua situação, tem uma crise de loucura na própria loja.
- Sai correndo, rouba várias armas da loja vizinha e atira em tudo o que encontra pela frente.
- Correria geral no *shopping*. Alguns mortos e muitos feridos.
- Etelvino sobe ao último andar do *shopping*, joga-se pela janela e morre com a queda.
- Os funcionários da loja reclamam das difíceis condições de trabalho que levaram o colega à loucura.

Como a televisão foi motivo de alguns debates nas últimas aulas, escolhemos para sua leitura trechos de uma crônica na qual a TV é assunto central. Seu autor foi um dos maiores cronistas do Brasil: o capixaba Rubem Braga.

Ela tem alma de pomba

Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro, em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida. Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar uma sessão das 8 no cinema. Agora todo mundo fica em casa vendo uma novela, depois outra novela.

O futebol também pode ser prejudicado. Quem vai ver um jogo do Estrela do Norte F.C., se pode ficar tomando uma cervejinha e assistindo a um bom Fla-Flu, ou a um Inter x Cruzeiro, ou qualquer outra coisa assim?

Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida. Eu mesmo confesso que lia mais quando não tinha televisão. Rádio, a gente pode ouvir baixinho, enquanto está lendo um livro. Televisão é incompatível com livro - e com tudo mais nessa vida, inclusive a boa conversa, até o making love.

Também acho que a televisão paralisa a criança numa cadeira mais que o desejável. O menino fica ali parado, vendo e ouvindo, em vez de sair por aí, chutar uma bola, brincar de bandido, inventar uma besteira qualquer para fazer.

Só não acredito que televisão seja máquina de fazer doido. Até acho que é o contrário: é máquina de amansar doido, distrair doido, acalmar, fazer doido dormir.

(...)

Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que se pode fazer é que não existe nenhum aparelho de TV, a cores ou em preto e branco, sem um botão para desligar. Mas quando um pai de uma família o utiliza, isso pode produzir o ódio e rancor no peito das crianças e até de outros adultos.

Quando o apartamento é pequeno, a família é grande, e a TV é só uma - então sua tendência é para ser um fator de rixas intestinas.

- Agora você se agarra nessa porcaria de futebol...

- Mas, francamente, você não tem vergonha de acompanhar essa besteira de novela?

- Não sou eu, não, são as crianças!

- Crianças, para a cama!

(...)

Mas muito lhe será perdoado, à TV, pela sua ajuda aos doentes, aos velhos, aos solitários. Na grande cidade - num apartamentinho de quarto e sala, num casebre de subúrbio, numa orgulhosa mansão - a criatura solitária tem nela a grande distração, o grande consolo, a grande companhia. Ela instala dentro de sua toca humilde o tumulto e o frêmito de mil vidas, a emoção, o suspense, a fascinação dos dramas do mundo.

A corujinha da madrugada não é apenas a companheira de gente importante, é a grande amiga da pessoa desimportante e só, da mulher velha, do homem doente... É a amiga dos entrevados, dos abandonados, dos que a vida esqueceu para um canto... ou dos que estão parados, paralisados, no estupor de alguma desgraça... ou que no meio da noite sofrem o assalto de dúvidas e melancolia... mãe que espera filho, mulher que espera marido... homem arrasado que espera que a noite passe, que a noite passe, que a noite passe...

Fonte: **200 Crônicas Escolhidas**. Rubem Braga. Rio de Janeiro, Editora Record, 1979, págs. 318-319.

